

DO DINHEIRO COMO MÁQUINA ABSTRATA A PARTIR DE DELEUZE & GUATTARI: POR UM DIAGRAMA DO FENÔMENO MONETÁRIO

MONEY AS AN ABSTRACT MACHINE IN DELEUZE & GUATTARI: TOWARD A DIAGRAM OF THE MONETARY PHENOMENON

Émerson dos Santos Pirola¹

Resumo:

A teoria monetária é um campo interdisciplinar com diversas abordagens sobre a fundação do dinheiro. Este artigo articula essas perspectivas, propondo o dinheiro como uma máquina abstrata e um diagrama, a partir dos conceitos de Deleuze & Guattari. Argumenta-se que o dinheiro preside a produção da realidade sócio-histórica, desejante e econômica contemporânea, funcionando como uma instituição social que institui relações. Explicamos a máquina abstrata, seus componentes (forma de expressão/conteúdo, substância de expressão/conteúdo), e como o dinheiro, enquanto tal, transforma um fluxo abstrato e desterritorializante de financiamento nos segmentos sociais de comunidade, mercado, Estado e nação. Para isso, adaptamos o esquema de Keith Hart, transformando-o no arcabouço deleuzo-guattariano. Destacamos a natureza não representacional e operativa do dinheiro, cuja função é produzir, atribuir e distribuir valor. A análise incorpora a dualidade do dinheiro (fluxo de meio de pagamento vs. fluxo mutante de financiamento), mostrando como a máquina abstrata organiza a matéria informe em formas (unidade de conta estatal, meio de troca mercadológico) e substâncias (riqueza da nação, confiança intersubjetiva). Essa abordagem integra as múltiplas facetas do dinheiro, enfatizando seu papel produtivo e aprofundando a teoria deleuzo-guattariana do capitalismo.

Palavras-chave: dinheiro; máquina abstrata; teoria monetária; diagrama; fluxo mutante de financiamento.

Abstract:

Monetary theory is an interdisciplinary field with diverse approaches to the foundation of money. This article articulates these perspectives by proposing money as an abstract machine and a diagram, drawing on the concepts of Deleuze & Guattari. It argues that money presides over the production of contemporary socio-historical, desiring, and economic reality, functioning as a social institution that institutes relations. We explain the abstract machine, its components (form of expression/content, substance of expression/content), and how money, as such, transforms an abstract and deterritorializing flow of finance into the social segments of community, market, state, and nation. To this end, we adapt Keith Hart's schema, transforming it into a Deleuzo-Guattarian framework. We highlight the non-representational and operative nature of money, whose function is to produce, assign, and distribute value. The analysis incorporates the duality of money (flow of means of payment vs. mutating flow of finance), showing how the abstract machine organizes formless matter into forms (state unit of account, market medium of exchange) and substances (national wealth, intersubjective trust). This approach integrates the multiple facets of money, emphasizing its productive role and deepening the Deleuzo-Guattarian theory of capitalism.

Keywords: money; abstract machine; monetary theory; diagram; mutating flow of finance.

¹ Doutor em Filosofia pela PUCRS. Email: emerson.pirola@acad.pucrs.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1816232545651151>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2899-9103>

Introdução

A teoria monetária se constitui em um campo de disputas intra e interdisciplinar, envolvendo áreas do saber tão diversas quanto a economia, a antropologia, a sociologia, a ciência política, a filosofia e a psicologia. A depender do aporte teórico e disciplinar, o dinheiro é dito ser fundado na confiança, na troca, no desejo, no trabalho, na Lei ou no Estado, para ficar apenas em alguns exemplos. Assi, diz-se que o dinheiro tem a ver essencialmente com a comunidade, com a sociedade, com o mercado, com o Estado, com a nação, com o povo, com a riqueza etc. Várias dessas intuições parecem ter seu fundamento. Seria possível articulá-las em uma concepção teórica coerente? O presente artigo intenta essa “unificação” através do recurso ao conceito deleuzeano e guattariano de máquina abstrata, bem como ao conceito correlato de diagrama, para propor o dinheiro como uma máquina abstrata que preside à produção da própria realidade sócio-histórica, desejante e econômica na contemporaneidade. Propomos também um diagrama das formas e funções do dinheiro, entendido não como coisa ou objeto, mas como instituição social, como instituindo relações sociais (cf. HARDT; NEGRI, 2018). Para tanto, fazemos recurso a diversas obras de Deleuze & Guattari, além de alguns comentadores, e a algumas fontes da teoria monetária mais ligadas a discussões de natureza social, política e filosófica do que a teoria econômica *mainstream* ou ortodoxa.

Começamos por explicar a natureza complexa do conceito de máquina abstrata, com seus diferentes “componentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1992): forma de expressão, forma de conteúdo, substância de expressão e substância de conteúdo. Após uma explicação formal do que são máquinas abstratas, passamos à exploração da ideia de que o dinheiro pode ser entendido como uma máquina abstrata. Para tanto, fazemos recurso a pesquisadores do dinheiro, além de a própria contribuição de Deleuze & Guattari sobre o fenômeno monetário, com sua teoria da dualidade inerente ao dinheiro. Demonstramos também como o dinheiro, enquanto máquina abstrata, possui uma natureza diagramática que transforma a potência desterritorializante e mutante de um fluxo de financiamento, abstrato e, de direito, infinito, nos diferentes segmentos sociais: a comunidade, o mercado, o Estado e a nação. Cada uma dessas figuras da sociedade é posta a funcionar como um dos componentes da máquina abstrata do dinheiro (forma de expressão, forma de conteúdo, substância de expressão e substância de conteúdo). Essa proposição é baseada na proposição do antropólogo do dinheiro Keith Hart, que fala em substancialismo de mercado, substancialismo de Estado, formalismo de mercado e formalismo de Estado. Entretanto, transformamos a base ontológica de Hart, kantiana, no esquema, mais complexo, de Deleuze & Guattari. Por fim, discutimos brevemente como se articulam as diferentes instâncias da máquina monetária.

O que é uma máquina abstrata?

O conceito deleuzo-guattariano de *máquina abstrata*, correlato e, por vezes, sinônimo, do de *diagrama*, pode nos ser bastante útil para entender o funcionamento do dinheiro no capitalismo contemporâneo. Pensar o dinheiro como uma máquina abstrata, ou uma máquina abstrata do dinheiro, pode facilitar um entendimento integrado das diferentes instâncias e instituições determinantes do dinheiro (como o mercado, o Estado, a comunidade e a nação), além de ajudar a entender como o dinheiro é produzido como uma abstração, como um equivalente universal e como, através dessa abstração, a máquina abstrata define os

agenciamentos concretos e produz o o próprio desdobrar da realidade econômica, social e desejante.

O conceito de máquina abstrata advém da linguística (o termo é originalmente de Chomsky, embora o sentido que Deleuze & Guattari dão ao termo difira largamente do dele, que é criticado como limitado), sobretudo de Louis Hjelmslev, mas Deleuze & Guattari levam o conceito para explorar áreas que não se reduzem à linguagem, podendo ir até “as codificações biológicas ou as formas de organização próprias ao *socius*”² (GUATTARI, 2012, p. 35). Hjelmslev critica a separação (saussuriana) entre significante e significado, bem como o hilemorfismo da separação entre forma e matéria, ou a simplicidade da separação entre forma e conteúdo (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 72). Para ele, trata-se de pensar como uma matéria anterior, pré-significativa, é formada no processo de formação da língua, do significado, da sintaxe etc. O esquema do autor terá 5 principais elementos: uma *matéria* bruta sem forma e sem substância, que pré-existe aos quatro elementos, *forma* e *substância*, e *expressão* e *conteúdo*, que articulam-se.

A matéria é uma superfície sem interrupções que deve ser distinguida da forma e da substância, já a substância é a matéria formada. Haverá, então, uma substância de conteúdo e uma substância de expressão, pois há duas formas: forma de conteúdo e forma de expressão. A forma de conteúdo e a forma de expressão informam a matéria para fazer dela substância de conteúdo e substância de expressão (ROQUE, 2017, p. 106).

Assim, a “matéria” “pré-linguística” é organizada e distribuída, formada e substancializada, definida em seu conteúdo e sua expressão, por quatro categorias que formam a máquina abstrata: *forma de conteúdo*, *forma de expressão*, *substância de conteúdo*, *substância de expressão*. Há duas relações que subjazem a essas quatro categorias: entre forma e substância e entre expressão e conteúdo: para Hjelmslev, a substância é consequência da forma, “cada substância é produzida por uma forma”, sendo semioticamente *formada* (ROQUE, 2017, p. 105). Simplificando, portanto: Forma > Substância. A relação entre expressão e conteúdo, por outro lado, é a de uma pressuposição recíproca:

Os próprios termos plano, expressão e conteúdo, foram escolhidos a partir do uso corrente e são inteiramente arbitrários. Através de sua definição funcional é impossível sustentar que seja legítimo chamar uma destas grandezas ‘expressão’ e a outra ‘conteúdo’ e não o inverso: elas só são definidas como solidárias uma à outra e nem uma nem outra podem sê-lo de modo mais preciso. Tomadas separadamente só se pode defini-las por ocasião e de modo relativo, como funtores de uma mesma função que se opõem um ao outro (HJELMSLEV apud GUATTARI, 1988, p. 38).

Entre conteúdo e expressão há distinção real, mas os termos não pré-existem à sua articulação, havendo antes pressuposição recíproca e isomorfismo (Expressão <-> Conteúdo). Entre forma e substância há apenas distinção mental ou modal, as substâncias sendo apenas matérias formadas e sendo impossível conceber uma substância sem forma (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 76).

Em Deleuze & Guattari, a maquinaria conceitual de Hjelmslev será “materializada” e a expressão será levada a se articular com as noções de

² Nos textos enviados a Deleuze durante a escrita de *O anti-Édipo*, Guattari (2006, p. 201-2) já salienta como a maquinaria conceitual de Hjelmslev deve ser levada a trabalhar em terrenos extralinguísticos.

agenciamento (coletivo) de enunciação, de “regimes (sócio-políticos) de signos” e de Máquina semiótica, enquanto o conteúdo será relacionado com agenciamentos maquínicos e com a máquina social (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 102) — “A forma de expressão será constituída pelo encadeamento dos expressos, como a forma de conteúdo pela trama dos corpos” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 28). Dessa forma, Deleuze & Guattari não passam analogicamente a maquinaria linguística de Hjelmslev a outros domínios; antes, é por “materializá-la” que se chega aos outros domínios, pré-linguísticos, que determinam a própria máquina abstrata da língua:

Em Hjelmslev [...] o par expressão/conteúdo permanece prisioneiro da oposição saussuriana entre significante e significado, enquanto para Guattari a expressão não se refere ao significante ou à linguagem, mas à máquina semiótica coletiva que preexiste a ambos (um agenciamento coletivo de enunciação que engloba substâncias de expressão humanas e não humanas diversas e heterogêneas). Do mesmo modo, o conteúdo não se refere ao significado, mas à máquina social que preexiste a ele (um agenciamento maquínico de ação e paixão que não podemos de modo algum reduzir às esferas econômica, social ou política). A dupla articulação de expressão e conteúdo não é propriedade específica da linguagem; esta representa apenas uma modalidade funcional dos estratos de realidade orgânicos, biológicos, sociais, estéticos etc. (LAZZARATO, 2014, p. 60).

Desse modo, o conceito de máquina abstrata nasce se emancipando de limitações linguísticas, embora encontre nessa disciplina os elementos conceituais de sua articulação. A máquina abstrata, em Deleuze & Guattari, será entendida como produtora do real, como definidora da articulação dos agenciamentos concretos — há uma complementaridade entre agenciamento concreto e máquina abstrata³ —, estes sendo de dois tipos: agenciamento maquínico (conteúdo) e agenciamento de enunciação (expressão). Os agenciamentos concretos efetuam a máquina abstrata (DELEUZE, 1991, p. 50), mas, ao mesmo tempo, “as modalidades de existência das máquinas abstratas são radicalmente diferentes daquelas dos agenciamentos concretos” (GUATTARI, 1988, p. 43, n. 3). Entre máquina abstrata e agenciamento concreto, portanto, há uma relação complexa em que os agenciamentos produzem a abstração, mas é esta que os explica: “Tudo se afirma pelos agenciamentos, mas tudo se explica pelas máquinas abstratas” (LAPOUJADE, 2015, p. 202). Os agenciamentos, portanto, são *variáveis* sujeitas às linhas de *variação contínuas* definidas pela máquina abstrata (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 47). Como salienta Guattari, a abstração, assim, deixa de ser um dado (à maneira idealista), e se torna uma produção dinâmica ligada aos agenciamentos concretos de conteúdo e expressão: “Conservando, apesar de sua ambiguidade, esta expressão de ‘máquina abstrata’, é a própria ideia de universais abstratos que eu me proponho a contestar. A abstração só pode resultar de máquinas e de agenciamentos de enunciações concretas” (GUATTARI, 1988, p. 12). Dessa forma, a noção de abstração se torna *dinâmica*, na medida em que é produzida constantemente pela variação que subjaz às variáveis dos agenciamentos concretos: “não há qualquer razão para relacionar o abstrato ao universal ou ao constante, e para apagar a singularidade das máquinas abstratas, quando estas são construídas em torno de variáveis e variações” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 37). Esse movimento traz a abstração à história, e coloca as máquinas abstratas como elementos essenciais para o entendimento desta: “As máquinas abstratas ao redor das quais se cristalizam os agenciamentos [...] não

³ Como destaca Adkins (2016), o abstrato, em Deleuze, não é oposto ao concreto, mas ao extensivo e ao discreto, sendo, portanto, do registro intensivo.

estão fora da temporalidade social, mas a atravessam, a produzem e a reproduzem” (GUATTARI, 2013, p. 92). Há uma abstração *real*, que é produzida pelas máquinas abstratas, ou melhor, produzida pelos agenciamentos concretos e explicada pelas máquinas abstratas. A máquina abstrata, portanto, é *extraída* conceitualmente dos agenciamentos concretos, e é ela que é capaz de explicar a articulação e a distribuição presente nesses agenciamentos — “uma posição que parte de formações sociais e de agenciamentos materiais para daí extrair (abstrair) componentes semióticos e máquinas abstratas” (GUATTARI, 1988, p. 13).

Para tanto, a máquina abstrata é entendida como um diagrama *informe* que distribui forças sem forma (ZDEBIK, 2012, p. 20). Há primeiro a *matéria*, informe, mas não amorfa, onde se encontram intensidades materiais e “partículas-signos” assignificantes (materiais) em fluxo (GENOSKO, 2009, p. 104), *forças*. A máquina abstrata intervém aí, e distribui essas forças em formas e substâncias, conteúdos e expressões. Deleuze & Guattari não começam com formas estáveis e pré-estabelecidas, mas com essa matéria informe intensiva. A máquina abstrata é, portanto, aquilo que conecta o intensivo e o extensivo (ADKINS, 2016, p. 358), as forças e as formas, o que faz a passagem de um a outro. Essa distribuição tem um caráter *funcional*: a máquina abstrata define uma função, que é anterior às formas e substâncias. A máquina abstrata será dita informe pois ela articula, justamente, duas formas heterogêneas e incomunicáveis: a forma de conteúdo e a forma de expressão, os agenciamentos de enunciação e os agenciamentos maquínicos que constituem os agenciamentos concretos — “As máquinas abstratas operam uma passagem direta entre os estados de signos e os estados de coisas” (GUATTARI, 2013, p. 95). Essa articulação se dá pela definição de uma mesma *função*. Portanto, a máquina abstrata é *no mesmo golpe informe e funcional*, para que consiga organizar a matéria em formas e substâncias que respondam a essa função distribuída. “A máquina abstrata é a pura Função-Matéria — o diagrama, independentemente das formas e das substâncias, das expressões e dos conteúdos que irá repartir” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 104-5).

Um exemplo de máquina abstrata dado por Deleuze & Guattari (2011, p. 106-7), através de Foucault, é o das sociedades disciplinares. Segundo eles, há um diagrama ou máquina abstrata disciplinar que preside aos diferentes agenciamentos concretos que o produzem (escola, fábrica, prisão, manicômio etc.). Assim, a “forma-prisão” é uma forma de conteúdo, que responde à forma de expressão “delinquência”, enquanto enunciado que diz desse estado de coisas (prisão e presidiários, que são a substância de conteúdo). A matéria que essa máquina abstrata organiza é uma matéria humana genérica, e a função que preside esse diagrama disciplinar é “ver sem ser visto” ou, mais precisamente “*impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer*” (DELEUZE, 1991, p. 43. Grifo no original). (“Ver sem ser visto” é ainda muito restrito ao panóptico prisional, e a forma destacada é a função entendida em seu aspecto mais essencial, que se aplica ao diagrama disciplinar como um todo). Assim, a máquina abstrata disciplinar é extraída dos agenciamentos concretos que a efetuam, e percebe-se como ela atua em diferentes contextos e agenciamentos.

A máquina abstrata do dinheiro

Nos parece que pensar a máquina abstrata do dinheiro é fundamental para entender o seu papel na máquina capitalista, papel que atravessa diferentes formas sob uma mesma maquinaria abstrata, uma mesma função. Essa função poderia ser

dita “produzir, atribuir e distribuir um valor qualquer a uma multiplicidade qualquer”. A relação da máquina abstrata com a distribuição é íntima: “As máquinas abstratas são máquinas por sua atividade de distribuição. Mas em que elas são abstratas? O que faz sua abstração? A questão se coloca tanto mais que tal abstração constitui sua própria realidade. Se são abstratas, é porque não têm nenhum conteúdo definido, são indiferentes ao conteúdo efetivo do que distribuem, embora, em parte, o determinem” (LAPOUJADE, 2015, p. 200). O dinheiro, ou *o sistema monetário*, o dinheiro não como coisa, mas como instituição, assim, é uma máquina abstrata que pega uma matéria humana e não-humana, matéria e força intensivas, e as distribui em formas e substâncias de conteúdo e expressão (riqueza e signos monetários, aos quais o valor é atribuído). O dinheiro, enquanto máquina abstrata, assim, não tem nada de representativo, ele não simplesmente “representaria” a riqueza real, como por vezes parece crer a ortodoxia econômica. O dinheiro seria antes uma máquina produtora do real, e do real em sua abstração:

uma máquina abstrata não é uma infra-estrutura em última instância, tampouco é uma Ideia transcendente em suprema instância. Ela tem, antes, um papel piloto. Isso ocorre porque uma máquina abstrata ou diagramática não funciona para representar, mesmo algo de real, mas constrói um real por vir, um novo tipo de realidade (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 106).

Além disso, como as máquinas abstratas “portam em si mesmas seus próprios sistemas de valorização, autopoieticos” (GUATTARI, 2015, p. 193), é possível entender o sistema monetário como um diagrama dinâmico que determina os agenciamentos concretos de enunciação e conteúdo, e que opera a transformação das forças intensivas (trabalho, desejo, matéria) em formas extensivas (preço, mercadoria).

Há indícios em Deleuze & Guattari de que eles tenderiam a pensar o dinheiro como uma máquina abstrata. O próprio Guattari inclui “financeiras” em uma pequena lista de tipos de máquinas abstratas (1988, p. 34). Além disso, Deleuze aponta uma relação entre o Estado como *agenciamento* de uma *máquina abstrata de convertibilidade*, e dá como exemplo a moeda:

A máquina abstrata de sobre-codificação assegura a homogeneização dos diferentes segmentos, sua convertibilidade, sua traduzibilidade, ela regula as passagens de uns nos outros, e sob que prevalência. Ela não depende do Estado, mas sua eficácia depende do Estado como do agenciamento que a efetua em um campo social (por exemplo, os diferentes segmentos monetários, as diferentes espécies de moeda têm regras de conversibilidade, entre si e com os bens, que remetem a um banco central como aparelho de Estado) (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 150-1).

O interessante deste comentário é que o Estado é tido como agenciamento da máquina abstrata de convertibilidade, que parece ser a moeda, ou ter na moeda um papel importante. Guattari, ainda, aponta que o fim do padrão-ouro é uma transformação que torna o dinheiro mais maquínico, poderíamos dizer, mais abstrato: “no domínio econômico, o conceito da moeda e o conceito do capital se destacaram totalmente dos referentes fixos (como o ouro) e dependem agora de uma referência cada vez mais maquínica” (GUATTARI, 2016, p. 103-4).

Pensar o dinheiro como máquina abstrata, ainda, nos oferece a vantagem de pensar a abstração por via genética, pensar como o dinheiro é uma produção que se dá nos próprios agenciamentos concretos, mas que estes só se dão do modo que se

dão por causa da abstração operatória que os preside como “plano piloto”. A máquina abstrata do dinheiro, assim, “age como uma causa imanente não-unificadora, estendendo-se por todo o campo social: a máquina abstrata é como a causa dos agenciamentos concretos que efetuam suas relações; e essas relações de forças passam, ‘não por cima’, mas pelo próprio tecido dos agenciamentos que produzem” (DELEUZE, 1991, p. 46).

Um último ponto que vale destacar é que pensar o dinheiro como máquina abstrata parece ir na linha de pensar a descodificação e a abstração como tendo potenciais políticos libertadores, em linha aceleracionista — evidentemente, não um aceleracionismo do capital, mas contra ele (cf. FORTES; PIROLA, 2021). As máquinas abstratas e a abstração não são algo necessariamente indesejável, mas, em Deleuze & Guattari, são do registro do intensivo (ADKINS, 2016), nível fundamental que não pode ser relegado politicamente ao outro lado. Por isso, Guattari diz: “no que me diz respeito, nunca vou deixar de fazer a apologia das máquinas abstratas. Não temo de modo algum esse procedimento de abstração, é o que mais me fascina” (2016, p. 26).

Diagrama do dinheiro

A partir da ideia do dinheiro ou do sistema monetário como máquina abstrata produziremos um *diagrama* que distribui suas formas e substâncias. O diagrama é “um mapa fluído, virtual que está sob o tecido [*fabric*] das coisas — antes de sua formação em algo atual”. Por causa da máquina abstrata ser abstrata e evasiva, algum tipo de “pedra de toque” é necessária para podermos captá-la (ZDEBIK, 2012, p. 7). Assim, um diagrama acaba sendo uma maneira de se aproximar do conteúdo conceitual de uma dada máquina abstrata, e ele “tira um *snapshot* de uma multiplicidade em um estado constante de fluxo” (ZDEBIK, 2012, p. 12).

O diagrama não é representativo nem significante, mas operacional e a-significante, na medida em que funciona nessa dimensão anterior aos significados e aos signos, às formas e substâncias, expressões e conteúdos:

Guattari chama as operações das semióticas assignificantes de ‘diagramáticas’. O diagrama é uma semiótica e uma modalidade de escrita que preenche as condições de signos de poder. [...] [suas] funções são operacionais, pois elas têm a capacidade de reproduzir com grande exatidão ‘as articulações funcionais de um sistema’. As funções diagramáticas fazem inscrições que são operacionais antes de serem representativas. Signos diagramáticos, ao agirem no lugar das próprias coisas, produzem redundância maquínica em vez de redundância significativa (LAZZARATO, 2014, p. 77).

Guattari opõe enfaticamente o diagrama e a representação:

Esses são os dois tipos de funcionamento que podemos distinguir. Por um lado, funcionamento diagramático, quando se tem signos que funcionam sem qualquer mediação ou representação do sujeito e, por outro, funcionamento da representação, quando você tem sinais que funcionam em referência a um código, em referência a ícones representativos, em referência a um significado (GUATTARI, 2020, p. 82).

Essa dimensão não representacional e a-significante é especialmente importante ao pensar o dinheiro como máquina abstrata ou diagrama na medida em que Guattari afirma que o dinheiro é uma “máquina de signo” que funciona “sem

produzir o fenômeno conhecido como significação” (GUATTARI, 2020, p. 84). O dinheiro, portanto, não é da ordem da representação, mas de uma ordem diagramática e operativa.

Para pensar o dinheiro como uma máquina abstrata em suas diferentes articulações partimos de um esquema proposto por Keith Hart (1986; 2000) e do seu comentário por Dodd (2005; 2014), ambos cientistas sociais que dedicaram a vida à pesquisa em teoria monetária. Hart afirma que há quatro grandes teorias sobre a natureza do dinheiro: 1) uma é a hegemônica, metalista e ortodoxa, que pensa o dinheiro como uma mercadoria, com o seu valor sendo relacionado a uma mercadoria que ele é ou que lhe subjaz, de preferência o ouro. Essa é a única das proposições sobre o dinheiro que o pensa como mercadoria, como coisa. As outras três, de viés sociológico, antropológico, político e jurídico, o pensam como um “símbolo de algo intangível (sociedade)”, como um “*token* da sociedade” (HART, 2000, p. 225-6) — podemos pensar na ideia do dinheiro como signo de uma “reivindicação sobre a sociedade”, de Simmel (2011). Em cada uma delas, entretanto, “sociedade” tem um significado diferente — *Estado*, *comunidade* e *nação* — e implica uma relação diferente entre o dinheiro e a estrutura social e, acrescentamos, entre dívida e sociedade: 2) quando sociedade quer dizer *Estado* o dinheiro é entendido como uma ferramenta de poder que expressa relações verticais entre desiguais, governantes e governados, com especial atenção à Lei e à forma jurídica; 3) quando “sociedade” significa *comunidade* é sublinhada a dependência do dinheiro na confiança interindividual, de modo horizontal (“comunidade”, aqui, deve ser definida pelo seu modo de socialidade substanciada na confiança intersubjetiva, sem qualquer traço de localismo ou de pequena escala); 4) por fim, o foco na *nação* combina esse eixo horizontal (comunidade) com o eixo vertical (Estado), formando o Estado-nação e vincula o valor ao povo (trabalhador) da nação, bem como à terra e ao maquinário (cf. HART, 2000, p. 240; DODD, 2005, p. 405).

Hart, em outro texto, formaliza os elementos dessas quatro teorias em um diagrama, separado pelos eixos “forma” e “substância” e “mercado” e “Estado” que distribui as quatro concepções por ele apontadas.

	KEITH HART		
	MARKET		STATE
FORMAL	C	Economics	T Policy Law
SUBSTANTIVE	T	Credit Trust	T National Institutions

C = Commodity Theory
T = Token Theory

(Retiramos o quadro do artigo de Hart: (1986, p. 646)).

Assim, temos quatro campos discursivos sobre o dinheiro:

Formalismo de mercado: O formalismo de mercado é a única posição em que o dinheiro é tomado como uma coisa ou mercadoria com valor objetivo, sujeita às leis do mercado competitivo. Aqui a “essência” do dinheiro se dá pela lógica da economia em sentido estrito (*economics*) e o dinheiro é entendido fundamentalmente como um meio de troca, dinheiro-mercadoria. Há aqui uma afinidade forte com o metalismo, e alguns exemplos dessa vertente são o liberalismo e o utilitarismo ingleses. “Nesta teoria da mercadoria, o dinheiro é uma coisa útil como um pedaço de carvão e seu preço é o resultado da avaliação do mercado” (HART, 1986; 2000, p. 225). Embora Hart não chegue a afirmar isso, podemos dizer que para essas teorias o dinheiro é também um “*token* da sociedade”, uma “reivindicação sobre a sociedade”, mas aqui “sociedade” significa, precisamente, mercado.

Formalismo de Estado: Toma o dinheiro como fruto da lei e do sistema jurídico, além da política econômica e da intervenção governamental — ótimo exemplo é a frase de Barbon, antepassado do cartalismo, de que “o dinheiro é um valor feito pela lei” (HART, 2000, p. 239). É uma teoria formal que procura políticas governamentais racionais como antídotos aos problemas econômicos. A tradição cartalista, que desemboca na contemporânea MMT (cf. WRAY, 2003; 2014; RESENDE, 2020; 2022), em linhas gerais, normalmente se enquadra aqui, sobretudo com a sua insistência em afirmar que o dinheiro que importa é a unidade de conta e que esta é definida pela instância soberana estatal. Aqui, “sociedade” significa, precisamente, Estado, e o dinheiro é uma “reivindicação”, acima de tudo, sobre o Estado.

Substancialismo de mercado: É a posição que toma o dinheiro enfatizando uma *substantiva* relação com a *confiança*, localizando o valor com a “sociedade civil” e em sua “moralidade”, evocando uma comunidade entre iguais que complementa ou contrapõe-se ao “egoísmo dos mercados”. Essa concepção enfatiza essencialmente o manejo das relações de crédito e dívida horizontais nas relações humanas. “A teoria da comunidade, a mais informal e igualitária das três, com ênfase na confiança entre as pessoas, leva diretamente à ideia de que o dinheiro é uma espécie de crédito pessoal, gerado por cada um de nós em nossas interações sociais” (HART, 2000, p. 226). Hart dá como grande exemplo de obra que se encaixa nessa

tradição o *Ensaio sobre a dádiva*, de Mauss (2013), mas podemos incluir o *Dívida*, de Graeber (2016).

Substancialismo de Estado: Essa vertente é classificada por Hart como de teor *populista*, na medida em que concebe o valor do dinheiro em algo como “o povo” da nação (*Volk*), sua *substância*, como a força “gerada pelo povo trabalhando a terra conjuntamente” (2000, p. 261). A teoria populista do dinheiro acentua as instituições e costumes do povo ou da nação como um quadro necessário para o entendimento do dinheiro, do mercado e da finança (HART, 1986, p. 646; 2000, p. 240). O maior exemplo de autor dessa corrente, segundo Hart, é o romântico alemão Alfred Mueller, mas ele também menciona o institucionalismo americano, Veblen e os populistas russos (*narodniks*). Mueller favorecia a “autossuficiência econômica nacional, as virtudes do trabalho da terra e a manutenção da integridade cultural de um povo. O dinheiro para ele derivava seu valor da confiança gerada dentro de uma comunidade e era mais especificamente uma expressão da vontade nacional”. O populismo ou nacionalismo monetário combina “a formalidade do estado com a substância informal da comunidade” (HART, 2000, p. 240).

O esquema de Hart depende de uma divisão kantiana entre forma e substância, mas pega bem a oposição, no campo da teoria monetária, entre a predominância do Estado ou do mercado. Como fica o esquema de Hart ao se transformar em uma máquina abstrata? Propomos pensar a contribuição de cada campo identificado pelo autor como “captando um grão de verdade” do funcionamento efetivo da moeda no sistema monetário moderno. Assim, trata-se menos de opor as teorias, e optar por uma sobre outras, mas de integrá-las em uma proposição unitária, que capte em um só golpe o que o autor chama de formalismo de mercado, formalismo de Estado, substancialismo de mercado e substancialismo de Estado.

Para bem entender a ideia do dinheiro como máquina abstrata, antes precisamos fazer um desvio pela teoria deleuzo-guattariana da dualidade do dinheiro, como apresentada em *O anti-Édipo* e em “Dois regimes de loucos” (DELEUZE, 2016). Deleuze & Guattari propõem a ideia de que não há apenas um dinheiro, mas uma dualidade fundamental do dinheiro, essencial para entender sua função capitalista. Em um primeiro momento, há o dinheiro como pensado normalmente pela ortodoxia econômica e pelo senso comum, um dinheiro pensado à imagem da mercadoria. É um dinheiro-coisa, dinheiro-objeto, cuja principal função é ser meio de troca, meio de pagamento. A essência desse dinheiro está na troca, em sua natureza de equivalente geral e mercadoria universal. Deleuze & Guattari o chamam normalmente de “fluxo de meio de pagamento”. Esse fluxo opera a passagem entre séries bilaterais de mercadoria. Esse dinheiro, por fim, é dito pelos autores “impotente”, e se esgota no consumo, no poder de compra, em sua conversão em mercadoria comprada (trocada). Há, entretanto, um dinheiro mais fundamental, dito *fluxo mutante de financiamento*. Para Deleuze & Guattari, esse é o dinheiro verdadeiramente *potente*, signo de potência. O fluxo de financiamento se dá exatamente na criação de moeda *fiduciária* pela parte dos bancos, sejam eles comerciais, seja o Banco Central. Para os autores, o banco efetivamente *cria* a moeda na forma da emissão de um crédito. O banco não precisa de dinheiro antes de fazer um empréstimo. O empréstimo é a própria criação monetária. (Nesse sentido, Deleuze & Guattari se aproximam das teorias cartalistas, da MMT, já evocadas, e da dita teoria do circuito (cf. CENCINI, 2005; INGHAM, 2004, p. 59-60)). É por isso que o dinheiro de financiamento é potente, pois é um jato de criação que configura, que determina o campo dos possíveis, pois mobiliza o trabalho, o desejo e o recurso

alheios. Assim, como em Deleuze & Guattari há apenas uma economia, em um mesmo sentido libidinal e política, uma produção, univocamente social e desejante, o fluxo de financiamento que se dá “por cima” do terreno econômico, encontra no trabalho e no desejo sua força “desde baixo”. A intensividade do fluxo monetária encontra uma intensividade desejante. Por fim, esse dinheiro de financiamento é uma força monetária desterritorializada que será, justamente, reterritorializada na forma do dinheiro meio de pagamento como poder de compra e em sua bilateralidade serial entre dinheiro-mercadoria e mercadoria propriamente dita, transfigurando o dinheiro potente (criação *ex nihilo*) em dinheiro impotente (destinado ao consumo, sendo, justamente, *consumido* no processo).

Só supondo a ideia de fluxo mutante de financiamento é possível entender como o dinheiro pode ser dito uma máquina abstrata. Enquanto máquina abstrata, o dinheiro possui a *função* de *produzir, distribuir e atribuir um valor qualquer a uma multiplicidade qualquer*. Ele transforma forças e matérias intensivas — o fluxo desterritorializado de criação monetária *ex nihilo* combinado ao fluxo desejante mutante “desde baixo” — em coisas extensivas (preços, mercadorias, e mesmo dinheiro no sentido empírico). É essa função diagramática, em sua dimensão *informe*, o que liga as duas formas da máquina, heterogêneas e incomunicáveis, mas que são postas a conversar justamente pela ação da máquina abstrata. Quais são essas duas formas? Basicamente, a forma monetária estatal e a forma monetária mercadológica. Pervertendo o esquema de Hart (fazendo um filho pelas costas, como Deleuze gostava de colocar), diremos que a *forma de expressão* do dinheiro é fruto da lei, a moeda estatal, a unidade de conta e de medida definida pelo Estado — o dinheiro de “curso legal” (*legal tender*); diremos também que a *forma de conteúdo* do dinheiro é o dinheiro como mercadoria, objeto de valor “objetivo”, meio de troca. A máquina abstrata monetária comunica a forma de conteúdo com a forma de expressão, o dinheiro enquanto meio de troca e o dinheiro enquanto unidade de conta (estatal), e vincula, assim, Estado e mercado, dinheiro estatal e dinheiro mercadológico, em um só. As formas, entretanto, determinam as substâncias. Pode ser estranho dizer isso, mas o essencial é reter que não há substância não formada, e a substância é um “segmento” da matéria selecionado pela forma e submetido à função que a máquina abstrata distribui. Quais as substâncias das formas da máquina monetária? A *substância de expressão* será dita a “vontade” da nação ou do povo, sua capacidade coletiva, sua “riqueza”, seu trabalho e sua terra, portanto, pode-se dizer, o dinheiro enquanto ele mantém sua natureza de reserva do valor; a *substância de conteúdo* será dita a confiança (e a crença) intersubjetiva que mantém as relações de dívida e crédito na sociedade, que sustenta o valor do dinheiro enquanto um meio de pagamento fiduciário. Portanto, o diagrama da máquina abstrata monetária poderia ser exposto como segue:

Máquina abstrata do dinheiro ou do sistema monetário:

Matéria informe: fluxo de criação monetária <i>ex nihilo</i> (+ fluxo desejante mutante)	Expressão	Conteúdo
Forma	<i>Forma de expressão:</i> unidade de conta estatal definida pela lei e pelo <i>Estado</i> .	<i>Forma de conteúdo:</i> meio de troca e dinheiro como mercadoria com valor objetivo que se desenvolve no <i>mercado</i> .
Substância	<i>Substância de expressão:</i> reserva de valor na forma de riqueza (“trabalho e terra”, fábricas, máquinas, empresas etc.) do povo possuída pela <i>nação</i> .	<i>Substância de conteúdo:</i> meio de pagamento sustentado na confiança intersubjetiva que mantém as relações de dívida e crédito na <i>comunidade</i> .
	Eixo de verticalidade	Eixo de horizontalidade

* Diagrama produzido pelo autor.

O eixo vertical é o eixo de expressão, o agenciamento de enunciação, enquanto o eixo horizontal, dito de conteúdo, constitui o agenciamento maquínico. Na combinação desses agenciamentos se dá a distribuição funcional da máquina abstrata monetária, que define tanto a relação recíproca entre dinheiro estatal e dinheiro “de mercado” quanto a reciprocidade entre confiança “comunitária” e riqueza da nação. Se lembrarmos que, do ponto de vista diagramático, não se distinguem e são intercambiáveis os planos de expressão e conteúdo, já que ambos se unem no plano de consistência, temos uma distinção real entre os dois eixos, mas eles não pré-existem à sua mútua articulação. O dinheiro como forma geral própria para todo tipo de transações e pagamentos, “dinheiro para todos os fins”, de que fala Polanyi (2012), é assim produzido pela máquina abstrata na articulação desses quatro elementos, e se diz em um único sentido através dessas diferentes instâncias: Estado, mercado, nação e comunidade. O dinheiro é produzido, portanto, como uma abstração unitária em variação através desses agenciamentos concretos que são suas variáveis.

Deleuze & Guattari dizem que as formas são correlatas de modos de (des)codificação, enquanto as substâncias são correlatas de graus de (des)territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 71). Como pensar a articulação entre Estado e nação, forma e substância de expressão? A forma Estatal dá, justamente, forma à substância nacional, formando o complexo “Estado-nação”. A riqueza da nação é formatada na unidade de conta estatal, na moeda nacional. O Estado enquanto modelo de realização da axiomática do capital produz as “territorializações compensatórias” de que o capital necessita, sendo a mais importante destas territorializações a “Nação”, noção que engloba a força de trabalho, a população, os recursos econômicos etc. (cf. LITAKER, 2014, p. 185-96). “A partir dessas ‘territorializações compensatórias’, são construídas as instituições,

os valores e as subjetivações que fazem falta ao capital como máquina abstrata de tratamento dos fluxos descodificados” (LAZZARATO, 2017, p. 148-9). A nação, ou melhor, a combinação “Estado-nação”, enquanto modelo de realização da axiomática do capital (DELEUZE; GUATTARI, 2012), enquanto modelo de realização local do mercado mundial, é uma territorialização compensatória diante da desterritorialização superior do dinheiro, do capital. O “Estado-nação” funciona como uma codificação monetária jurídica Estatal e uma reterritorialização da riqueza, e da moeda, no nível nacional.

A relação entre a forma de conteúdo mercadológica e a substância de conteúdo fiduciária se dá nos termos de uma formatação da confiança intracomunitária e intersubjetiva nos termos de uma lógica mercantil, na qual o dinheiro possui na confiança sua substância, mas na mercadoria a sua forma. O meio de pagamento comunitário e substancial se converte, na forma mercado, em simples meio de troca. O dinheiro enquanto objeto fiduciário e comunitário exprime um certo grau, maior ou menor, de territorialidade, enquanto a mercadoria exprime um modo de descodificação.

A relação entre as duas formas, forma de conteúdo mercadológica e forma de expressão estatal, se dá em um modo de descodificação próprio da noção de moeda, tanto enquanto unidade de conta quanto enquanto meio de troca. Isso vai ao encontro da ideia deleuzo-guattariana de que o Estado e o mercado, através do dinheiro, se constituem mutuamente (cf. DELEUZE, 2017, p. 39). Assim, o que é meio de troca no mercado é também o que é unidade de conta definida pelo Estado, e o mesmo dinheiro que serve nas relações horizontais é o que é emitido e cobrado em impostos pelo Estado, *formando*, nessa dupla pinça, o espaço monetário.

Por fim, a relação entre substância de conteúdo fiduciária e substância de expressão popular-nacional: tanto o nível comunitário quanto o nível nacional exprimem um determinado grau de territorialização, no qual a confiança é a substância de conteúdo da substância de expressão “nação”, com suas riquezas e terras, expressos enquanto “vontade” e “trabalho” do povo.

Considerações finais

A empreitada de pensar o dinheiro como uma máquina abstrata, ou de pensar uma máquina abstrata do dinheiro, chega a aparecer tangencialmente na obra de Deleuze e de Guattari. Entretanto, eles não o fazem explicitamente e de modo desenvolvido. Desse modo, acreditamos que realizamos de modo satisfatório a empreitada. Pensar o dinheiro como máquina abstrata possui três vantagens, duas relativas à própria natureza da teoria monetária e do conceito de dinheiro, e duas relativas à leitura e desenvolvimento da teoria do capitalismo de Deleuze & Guattari. Primeiramente, sobre a teoria monetária: articular os diferentes movimentos próprios ao fenômeno monetário, muitas vezes pensados por vieses teóricos e disciplinas concorrentes e excludentes, nos dá a possibilidade de entender o dinheiro em sua natureza múltipla, que atravessa diferentes instâncias sociais e encarna diferentes funções e “essências” (a confiança, a troca, o valor, a riqueza, a vontade, o desejo etc.). Ainda, a ideia de que o dinheiro é uma máquina abstrata que preside o real, a realidade sócio-econômica, tira o dinheiro de qualquer concepção puramente representacional: o dinheiro não representa a riqueza de uma sociedade, mas ele opera sobre ela, a movimenta e mobiliza. Em uma economia monetária da produção, para falar de modo keynesiano, a maior parte do que acontece no *socius*, na máquina capitalista, acontece através do dinheiro e por dinheiro. O dinheiro,

enquanto máquina abstrata, máquina o real, subjaz aos agenciamentos concretos. Por fim, no que concerne à obra de Deleuze & Guattari, a proposição de que o dinheiro é uma máquina abstrata traz maior determinação conceitual à teoria da dualidade do dinheiro, provavelmente a contribuição maior de Deleuze & Guattari para o entendimento da natureza do dinheiro do capitalismo. Enquanto fluxo mutante de financiamento, o dinheiro é a força, o fluxo intensivo, que a máquina abstrata transforma em forma, em agenciamento concreto, e isso na conjunção dos avatares da sociedade que trouxemos com Hart (mercado, comunidade, nação e Estado). Ainda, enquanto máquina abstrata que preside aos agenciamentos concretos, elucida-se a natureza da relação entre axiomática de um dinheiro e de um mercado mundiais (o que Guattari tendia a chamar de “capitalismo mundial integrado”) e o Estado-nação enquanto seu realizador local. Por fim, pensar o dinheiro enquanto máquina abstrata parece lhe dar, no plano do conceito, o poder e a abrangência que fenômeno monetário realmente alcança na modernidade capitalista, para muito além de ser pura e simplesmente objeto entre objetos.

Referências

- ADKINS, Brent. Who Thinks Abstractly? Deleuze on Abstraction. *The Journal of Speculative Philosophy*, Vol. 30, No. 3, 2016, pp. 352-360.
- CENCINI, Alvaro. Money and income as macroeconomic magnitudes. In.: CENCINI, Alvaro. *Macroeconomic Foundations of Macroeconomics*. London and New York: Routledge, 2005, p. 80-96.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant’Anna Martins. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- DELEUZE, Gilles. Dois regimes de loucos. In.: DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 15-21.
- DELEUZE, Gilles. *Derrames II: Aparatos de Estado y axiomática capitalista*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 (vol. 1)*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 (vol. 5)*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 (vol. 2)*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE; Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DODD, Nigel. “Laundering ‘money’: on the need for conceptual clarity within the sociology of money”. *Archives européennes de sociologie*, XLVI (3), p. 387-411, 2005.
- DODD, Nigel. *The Social Life of Money*. Princeton/ Oxford: Princeton University Press, 2014.

- FORTES, Felipe; PIROLA, Émerson. É o capital um acelerador? Aceleração das forças produtivas como fuga e antagonismo. *Das Questões*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/34931>. Acesso em: 24 jan. 2023.
- GENOSKO, Gary. *Félix Guattari: A Critical Introduction*. London: Pluto Press, 2009.
- GRAEBER, David. *Dívida: Os primeiros 5.000 anos*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- GUATTARI, Félix. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Tradução Constança Marcondes César, Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.
- GUATTARI, Félix. *The Anti-Oedipus Papers*. Edited by Stéphane Nadaud. Trans. Kéline Gotman. New York/Los Angeles: Semiotext(e), 2006.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, Félix. *Líneas de fuga: por otro mundo de posibles*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2013.
- GUATTARI, Félix. La pasión por las máquinas. In.: GUATTARI, Félix. *¿Qué es la Ecosofía?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud*. Buenos Aires: Cactus, 2015, p. 191-197.
- GUATTARI, Félix. *Confrontações: conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos*. Rio de Janeiro: n-1 edições, 2016.
- GUATTARI, Félix. *Guattari/Kogawa: Rádio livre: autonomia: Japão*. Organização e tradução: Anderson Santos. São Paulo: Sobinfluencia, 2020.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Assembly: a organização multitudinária do comum*. Tradução de Lucas Carpinelli e Jefferson Viel. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2018.
- HART, Keith. "Heads or Tails? Two Sides of the Coin." *Man*, 21: 1986, p. 637-56.
- HART, Keith. *The Memory Bank: Money in an Unequal World*. London: Profile, 2000.
- INGHAM, Geoffrey. *The Nature of Money*. Cambridge: Polity Press, 2004.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*. Tradução: Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, n-1 edições, 2014.
- LAZZARATO, Maurizio. *O governo do homem endividado*. Rio de Janeiro: n-1 editora, 2017.
- LITAKER, Justin. *Capitalism and social agency*. (Tese de doutorado). Apresentada à Faculty of Purdue University. 2014.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- POLANYI, Karl. *A subsistência do homem: e ensaios correlatos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RESENDE, André Lara. *Consenso e contrassenso: por uma economia não dogmática*. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2020.

RESENDE, André Lara. *Camisa de força ideológica: a crise da macroeconomia*. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2022.

ROQUE, Tatiana. Geologia da linguística e definição de máquina abstrata por Deleuze e Guattari. *Estudos da Língua(gem)*, v. 15, n. 1, p. 101-113, 2017. DOI: 10.22481/estudosdalinguagem.v15i1.2422.

SIMMEL, Georg. *The Philosophy of Money*. London, New York: Routledge, 2011.

WRAY, L. Randall. *Trabalho e moeda hoje: a chave para o pleno emprego e a estabilidade dos preços*. Trad. José Carlos de Assis. Rio de Janeiro; Editora UFRJ/Contraponto: 2003.

WRAY, L. Randall. From the state theory of money to modern money theory: An alternative to economic orthodoxy, Working Paper, No. 792, *Levy Economics Institute of Bard College*, Annandale-on-Hudson, NY, 2014.

ZDEBIK, Jakub. *Deleuze and the diagram: aesthetic threads in visual organization*. London: Continuum, 2012, p. 1-23.

Recebido em: 09/2025
Aprovado em: 12/2025